

Editorial: Para lembrar Sabino, em fluxo contínuo

A vida de um autor continua mesmo após sua morte na recepção de seus textos. Lido, discutido, pesquisado, um autor permanece atuando no sistema literário quando novas considerações são lançadas sobre sua obra. Da mesma forma, um autor transita pelas instâncias do sistema mediado pela celebração de datas marcantes relacionadas à sua biografia e à sua produção. Em 2023 é comemorado o centenário de Fernando Sabino, um dos mais importantes escritores brasileiros do século XX. Sua produção literária, da crônica ao romance, envolve uma recepção plural, que atinge também ao público jovem, com obras literárias infantis e juvenis.

No que se relaciona a Passo Fundo, Sabino tem um lugar especial no seu histórico acadêmico, educacional e leitor. Entre 9 e 12 de agosto de 1983, no que seria a 1ª Jornada Nacional de Literatura e 2ª Jornada de Literatura Sul-rio-grandense, a cidade recebeu autores de grande envergadura no sistema literário brasileiro. Estava, entre Antonio Callado, Otto Lara Resende, Millôr Fernandes, por convite de Josué Guimarães, coordenador dos debates, o escritor Fernando Sabino, justamente há quarenta anos, no que se relaciona, em 2023, ao ano de seu centenário. A homenagem a Sabino se estabelece, assim, na *Desenredo*, pelos vínculos seja com a cidade, na transição que aqui ocorre pela leitura, com o ingresso da cidade, futura Capital Nacional da Literatura, no mapa de eventos literários nacionais, seja com Josué Guimarães, e que guarda acervo na infraestrutura do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UPF.

Fernando Sabino, é adequado que se pontue, apesar de toda sua importância na literatura brasileira, não possui uma fortuna crítica à sua altura, como um dos autores mais lidos e queridos da produção literária do século XX. Mesmo que seja um dos cronistas mais importantes do gênero no Brasil, referido como um dos “sabiás da crônica”, por Augusto Massi¹, mesmo que tenha obras de grande repercussão, como *Encontro marcado*, de 1956, mesmo ainda que tenha tido títulos adaptados ao cinema, como *O homem nu* e *O grande mentecapto*, Sabino não tem atualmente alcançado relevância proporcional na academia. Seja qual for a razão, curioso, contudo, é que perdure nos livros didáticos e nos manuais de literatura brasileira. Tratando de um de seus romances, Sergius Gonzaga afirma que

¹ “*Os sábios da crônica* surgiu como uma bela ideia da editora Maria Amélia Mello, que, inspirada em uma das fotos tiradas por Paulo Garcez – na cobertura de Rubem Braga, em Ipanema, no verão de 1967 –, imaginou reunir numa antologia os mesmos escritores que figuram no ensaio fotográfico, encomendado para divulgar os primeiros títulos da então recém fundada Editora Sabiá”. MASSI, Augusto (Org). *Os sábios da crônica* (Antologia). Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

um das razões para a acolhida favorável da obra é sua linguagem: “Poucos romances brasileiros apresentam uma tão bem-sucedida *simplicidade de estilo*. Este tom espontâneo de narrar foge ao prosaísmo e alcança diretamente o coração dos jovens, dando-lhe uma vigorosa impressão de autenticidade confessional”². Em tempos de uma crítica tão preocupada, talvez, pelos prosaísmos, pelas complexidades metatextuais, pelas articulações imprecisas de narradores pouco confiáveis, Sabino possivelmente esteja mais sob a guarda do afeto e da lembrança dos jovens leitores, que ainda o conhecem, embora que pelas páginas dos livros escolares.

A edição da *Desenredo*, que ora se apresenta, pretende, reitera-se, homenagear um autor tão importante seja na história da literatura e da leitura no Brasil, seja um escritor que faz parte do percurso da cidades em seus projetos formadores de leitura, ampliando o tributo a um dos elementos que associam, para além da amizade de muitos anos, o mineiro Sabino e o gaúcho Josué Guimarães: o estudo em acervo literário, por ambos terem, em universidades de seus Estados, arquivos a eles dedicados, especificamente, na UFMG e na UPF.

O dossiê assim apresenta três textos. Em “Fernando Sabino e eu: uma reflexão sobre leitura, escrita e a experiência de si”, Cellina Rodrigues Muniz parte de um relato pessoas sobra a experiência de leitura de Sabino para, no desenvolvimento do trabalho, discutir leitura e escrita no exercício da autoria e na experiência de si. Partindo das vivências do pesquisador, a texto aciona as teorias de Larrosa e de Foucault, refletindo sobre o sujeito que “se” escreve e mais: no caso de Fernando Sabino, há um autor que “edita”. E na lista de seus “editados” está Josué Guimarães.

Esse “editado” de Sabino é sujeito interpretado de um artigo do dossiê. Em “Josué Guimarães, ‘si’ e *persona(s)* no ALJOG/UPF”, de Rettenmaier e Santin, a relação entre autor e “si” retorna à discussão, acrescida de uma nova instância: o arquivo literário. Localizado em espaço político aberto a interpretações móveis, o artigo observa “a necessidade de uma nova demanda sobre a autoria a partir das investigações realizadas em acervo literário, com as bases das teorias genéticas, o estudo, tendo como *locus* o ALJOG/UPF, Acervo Literário de Josué Guimarães”, propondo a discussão sobre uma nova entidade, a *persona*, um *si* originado e renovado nos trabalhos com itens que constituem um acervo literário.

O “Dossiê 100 anos de Fernando Sabino” se encerra com o artigo “A repetição como recurso estilístico em crônicas de Fernando Sabino”. No artigo, André Conforte e Bianca Pandeló discutem um expressivo que integra o estilo do cronista, tendo com corpus quatro crônicas do autor. Partido da ideia de que a repetição não é “sintoma de pobreza vocabular

² GONZAGA, Sergius. **Curso de literatura brasileira**. Porto Alegre: Leitura, 2004. p. 444.

ou sintática”, como defendido por alguns manuais de boas práticas redacionais, o autor observa na figura “o potencial expressivo da linguagem”, uma marca estilística aberta à multiplicidade de sentidos que, longe de ser um ato mecânico e irrefletido por parte de quem escreve”, pode ser “uma escolha consciente e calculada dos escritores”, dentre os quais está o cronista Fernando Sabino.

A política editorial da *Desenredo* se articula ao recebimento de colaborações em fluxo contínuo. No presente número, discutem-se temas como letramento e leitura literária, cinema e música “transcritos” a partir do literário.

O letramento literário é tema do artigo “Compartilhando saberes sobre o letramento literário: reflexões acerca do ensino da literatura a partir de atividades realizadas com o texto poético”, dos autores Silva e Dias. Colocando a leitura literária na sala de aula, o estudo pretende refletir sobre o ensino da literatura, “através da sistematização de um relato de experiência de uma sequência didática realizada com o texto poético em sala de aula com turmas do Ensino Médio”. Na sempre difícil relação entre escola e poesia, os autores, respaldados pelo rigor metodológico e conceitual, apresentam atividades em sala de aula, quando se lê poesia na “Ciranda da poesia”, em sarau, em performance e em atividades de escrita. Em “A experiência estética e artística da leitura do literário: o exercício de enxergar o mundo com os dois olhos”, Neitzel, Piske e Hentchen, com aportes teóricos de Barthes, Heidegger, Schiller, discutem o texto literário no modo como afeta o leitor “a ver e ser no mundo”. Respalados por investigações nos campos literários e estéticos, os autores partem do princípio de que, “na leitura do texto literário, quando o leitor entra nos poros do texto e enquanto o texto também lhe invade os poros, suas dobras se desdobram sobre esse leitor” que “se abre ao mundo”. As reflexões sobre a leitura literária e suas possibilidades de enxergar o mundo com outros olhos se direcionam, em dado momento do desenvolvimento à narrativa de Clarice Lispector para os jovens leitores. Na leitura do texto *O mistério do coelho pensante*, para os autores, somos “encantados com a maneira convidativa e interativa de Clarice contar a história, da mesma maneira que ficamos compenetrados com as brechas que ela deixa entre os acontecimentos da narrativa”, para que seu leitor, seja ele adulto e seja criança, viva uma relação íntima com o texto literário. Clarice Lispector, intimidade, corpo, feminino e desejo estão associados no texto “Reverberações do feminino na adaptação de *Uma aprendizagem* ou *O livro dos prazeres* para o cinema”, de Fabio Scorsolini-Comin. Em cotejo entre a obra literária e a produção cinematográfica, o texto debate a atualização do tema, com movimentos que colocam em destaque a sexualidade da protagonista, ao mesmo tempo que lhe conferem voz narrativa. Assim, atualizada, a vida da heroína enseja que, em tela, o filme tanto busque os elementos de correspondência quanto promova a ruptura com a obra literária: “O percurso íntimo de Lóri não se dá mais em meio à sociedade da segunda

metade do século XX, mas já nas primeiras décadas de um mundo que tem questionado perenemente a posição da mulher.”

A associação entre o literário e outra manifestação artística, a música, se apresenta no texto “A criação antropófaga em *Memórias sentimentais de João Miramar*: revelando a canção do texto literário”, de Rejane Pivetta e Alécio Pereira Júnior. O artigo discute “as repercussões da antropofagia na criação musical contemporânea” explicitando “o processo que desentranha a canção ‘Jardim desencanto’ do fragmento inicial de *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade”. No trabalho considera-se a hipótese de que o estilo telegráfico e cinematográfico do romance, “somado a uma possível partitura Tupi”, ocorra na gênese do texto oswaldiano. Pivetta observa a relevância da música na cultura dos povos originários, ao menos na avaliação dos europeus, aos quais também o ritual antropofágico causava assombro. Na linha dessas relações, entre culturas que ora se espelham, ora se confrontam, o artigo observa na criação musical algo como uma espécie de nutrição recíproca que associa tradição oral e escrita, erudito e popular, na trilha de uma estética que ressoa na obra *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade. Para a pesquisadora, “desentranhar do discurso vanguardista do romance de Oswald de Andrade ecos de uma sonoridade Tupi é uma tentativa de unir aquilo que foi separado na origem da civilização, dando lugar às potências híbridas e transfiguradoras, capazes de alargar a compreensão do humano”.

As colaborações em fluxo contínuo, de certa forma, podem ser orientadas pela intencionalidade de referir Fernando Sabino. O autor de *Encontro Marcado*, apaixonado por cinema e por música, não está alheio ao debate que associa às produções culturais relativas discutidas em relação à literatura. E aqui, de certa forma, vai alento a quem pode não estar no centro dos debates por um determinado período da história de nossa crítica: a lembrança é também um desejo, um querer.

Miguel Rettenmaier da Silva

Organizador

Francisco Fianco

Editor